

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



PERSPECTIVAS ENTRE EDUCAÇÃO, SOCIABILIDADES E REDES

Perspectives between education, sociabilities and networks

Adilson Cristiano Habowski

Elaine Conte

Donavan Farias Machado

Resumo

O ensaio discute sobre o potencial das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como meio incentivador às aprendizagens e sociabilidades em redes, que podem desmistificar posturas ingênuas, que desvirtuam ações coletivas de reconhecimento comunicativo, para legitimar a produção de sentidos nas reconfigurações contemporâneas. Através de questionamentos práticos sobre a veracidade das informações, por exemplo, podemos considerar as diferenças que singularizam as relações como possibilidades de transformarmos o mundo, indicando novos olhares e interlocuções educativas via TDIC. A reflexão abre possibilidades de revisão das manifestações ideológicas excludentes e condicionamentos do ciberespaço, viabilizando a análise das diversas concepções dominantes, (re)construindo conversações na interdependência sociocultural. A tecnologia, como meio de expressão humana, carrega consigo componentes das transformações socioculturais, sendo visionária de um tempo da velocidade das informações e dos processos de globalização. Uma transformação social emancipatória impulsionada pelo ciberespaço precisa passar pelo crivo da autocrítica como forma de reconfigurar concepções, resistindo à pedagogia dos resultados e soluções tecnicizadas enraizadas no pensar e agir da esfera coletiva.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais. Emancipação. Diálogo.

Abstract

The essay discusses the potential of digital information and communication technologies (TDIC) as a means to encourage the learning and social arrangements, networks that can demystify naive postures, which detract from collective actions of communicative, recognition for legitimize the production of meanings in contemporary reconfigurations. Through practical questions about the veracity of the information, for example, we can consider the differences that make relationships as possibilities for transform the world, indicating new perspectives and educational dialogue via TDIC. Reflection opens up possibilities of reviewing the ideological manifestations and constraints of cyberspace, exclusive, enabling the analysis of many dominant concepts, (re) building talks in cultural and social interdependence. . The technology, as a means of human expression, carries

components of socio-cultural transformations, being a visionary speed time of information and the processes of globalization. An emancipatory social transformation driven by the cyberspace need to pass through the sieve of self-criticism as a way to reconfigure conceptions, resisting the pedagogy of the results and solutions rooted experiments in the thinking and acting of the collective sphere.

Keywords: Digital technology. Emancipation. Dialogue.

Considerações Iniciais

Vivemos em um mundo que se tornou digital¹.

Partindo de uma perspectiva integradora das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), que favorecem as comunicações descentralizadas e a participação ativa através de novos ambientes para a formação e o trabalho com os artefatos digitais virtuais na prática social elaboramos esse estudo. A linguagem na qual o conhecimento se expressa penetra a realidade social e engloba diferentes visões e sentidos de vida, o que significa que toda tecnologia é política num sentido mais profundo, colocando em sintonia as diversidades e ativando áreas de conhecimento a partir das diferenças constitutivas. A modernidade está intimamente ligada às tecnologias comprovando diversas modificações nas experiências digitais e sociais, cujas manifestações vêm respondendo às necessidades do mundo contemporâneo. Na verdade, as próprias redes criam fluxos de trocas de informações e culturas grupais distintas, assim como alimenta uma sociedade altamente segmentada. Essa luta presente nas tecnologias é necessária para projetar estratégias adequadas ao nosso tempo, já que a história humana é dinâmica, inacabada, assim como não é neutra nem linear, trazendo sempre novas interconexões de um mundo aberto e em transformação digital.

Nesse sentido, em tempos conturbados e incertos em que vivemos, a pesquisa propõe problematizar a seguinte questão: quais são os desafios e de que maneira as tecnologias digitais podem contribuir para a construção comunicativa como meio incentivador à emancipação coletiva, desmistificando posturas equivocadas que são repassadas e deturpadas nas redes globais? Trata-se de uma análise hermenêutica mediadora da leitura das tecnologias e das contradições existentes nesses discursos, para

¹ CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *A Sociedade em Rede*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

discutir nossas perspectivas, dramas e dilemas sociais, visando o aprimoramento de ações concretas e novas interpretações nos espaços tecnológicos. A hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições constituídas no tecido de nossas experiências vivenciadas e compartilhadas. Habermas defende que “a consciência hermenêutica destrói uma autocompreensão objetivista das ciências humanas tradicionais”², dando abertura para novas interpretações de mundo. Afinal de contas, não podemos ficar indiferentes à ação humana no tempo e no espaço da análise social, que ocorre por meio da construção das relações tecnológicas, conceituais, textuais, linguísticas e de valor, pela aceitação das diferenças que nos constituem, verificando que são as diferenças que possibilitam a própria construção colaborativa.

Atualmente, as redes de computadores oferecem suporte propício para ações interdependentes por meio de transações eletrônicas que torna horizontal e complexa as criações coletivas, participativas e os processos de intercriatividade gerados pela transformação da comunicação em conectividade mundial. Mas precisamos aprender com a convergência tecnológica e os aspectos da comunicação sem fio, mantendo abertos os canais de comunicação, que requerem metodologias e ações interativas, engajadas em contextos variáveis, próprios da criação e expressão humana e tecnológica em constante transformação, onde reside o nosso empenho de pesquisa. Nesse contexto, a integração social das tecnologias nos incita a rever a sua instrumentalidade para incorporar novos sentidos, para além da identificação com a neutralidade, unidimensionalidade e especialidade.

As novas formas de intercomunicação

No seu sentido etimológico, a categoria comunicação provém do latim comunicar, e quer dizer partilhar, tornar comum, tratando-se, portanto, de um processo de interação social que acontece através de símbolos e mensagens para que os sujeitos consigam de alguma forma comunicar percepções, experiências, ideias e sentimentos. Essa atividade que está inerente ao ser humano opera por fluxos comunicativos e possibilidades linguísticas de transmissão e intercomunicação social. O aperfeiçoamento tecnológico no desenvolvimento

² HABERMAS, Jürgen. *A lógica das ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

da sociedade, através das técnicas de impressão como o livro, a pintura, a fotografia, o rádio, a TV e, mais recentemente, o computador com o acesso à internet, trouxe uma relação de interdependência entre essas tecnologias com os aspectos sociais da época, interferindo e provocando mudanças de hábitos nas relações sociais à distância. Na chamada Sociedade em Rede, expressão utilizada por Castells³, as relações socioeconômicas, a partir de um panorama permeado pelas TDIC, alteram as formas de trabalho, de lazer e da economia especulativa. A palavra rede é usada para explicar esse fluxo nos processos comunicacionais. De acordo com França,

[...] rede refere-se a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados. Rede, assim remete à forma, à morfologia de um sistema: comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social⁴.

Com as evoluções tecnológicas, as relações intersubjetivas passaram por modificações, gerando novos modos de comunicar, (re)transformando o ser humano contemporâneo nos seus conceitos, valores e culturas, encurtando ainda o tempo e o espaço através das velocidades das informações. Atualmente, a internet é uma plataforma de comunicação rápida e relacional, constituída por meio de redes de computadores no mundo da cibercultura, modo pelo qual o ser humano se comunica com o mundo de maneira digital, possibilitando a aproximação de todos com esse mundo sem limites. De fato, “a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede.”⁵

Para Castells, a “internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.”⁶ Desde sua origem, a internet se desenvolve aceleradamente, recebendo funções em esferas sociais do trabalho, da educação, da economia, da política, características que movimentam a sociedade. A comunicação existe já que o mundo é constituído de interconexões, surgindo o desafio de construir uma rede colaborativa e descentrada que esteja aberta às múltiplas

³ CASTELLS, 1999.

⁴ FRANÇA, V. Do Telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da Comunicação. In: PRADO, Aidar (Org.). *Crítica das Práticas Midiáticas*. São Paulo, Hacker Ed, 2002, p. 59.

⁵ CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 17.

⁶ CASTELLS, 2003, p. 8.

linguagens e às diferenças enquanto possibilidade de reduzir discriminações e aprender com a multiplicidade.

Portanto, a internet tem esse potencial de transformar as práticas sociais, mas apesar de trazer consigo a liberdade na ubiquidade simultânea de superar restrições temporais, no sentido de manifestar opiniões ou ideias, ela pode ser uma ferramenta de exclusão que estimula uma espécie de transcendência do tempo (inalcançável de comunicação e aceleração multitarefas). O acesso às redes foi capaz de transformar as formas de comunicar-se, evidenciando também um comportamento de passarmos horas interagindo e buscando novas informações, perdendo inclusive a noção de tempo de conectividade. Neste percurso, os meios de comunicação mais antigos como a TV e o rádio, vêm sendo deixados de lado e trocados pela internet, já que essa possibilita o acesso a distintas concepções de tempo na sociedade em rede. As informações podem permanecer para sempre nas redes, mesmo quando os conteúdos não estejam mais disponíveis para acesso. O fluxo contínuo de múltiplas tarefas dos sujeitos que a todo o momento estão conectados ocasiona uma aceleração do tempo que aniquila o tempo presente/cotidiano. Através da digitalização e do compartilhamento, as informações também são pesquisadas e compartilhadas instantaneamente por todos conforme seus interesses de transição histórica.

Lévy entende que quanto mais a Internet se expande, o mundo se torna mais universal e menos fechado em si, gerando a interconexão desprovida de um monopólio, portanto, uma comunicação descentralizada da dimensão temporal do contrapoder⁷. O contexto social e a dinâmica da transformação tecnológica corresponde uma tomada de posição e responsabilidade humana na utilização das redes de comunicação global, cabível aos sujeitos preparados em filtrar, (re)interpretar e usar conforme seu próprio contexto e necessidade as TDIC⁸. Para Castells, o que se pode destacar na sociedade em rede é a mudança nas formas de relação humana, iniciando um processo de transformação sociocultural, já que com essa evolução os sujeitos têm mais liberdade de fazer escolhas, o que não acontecia em outros meios, pois os conteúdos já eram programados de acordo com os interesses dos telespectadores⁹. Então, os usuários passaram a interagir, trocar ideias, discordar, participar do processo de produção da informação. “O surgimento de um novo

⁷ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

⁸ CASTELLS, 2003.

⁹ CASTELLS, 1999.

sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará completamente nossa cultura.”¹⁰

As tecnologias criadas e melhoradas pelo ser humano ao longo da história estão transformando a vida social, fazendo com que busquemos novas metodologias para compreender as alterações sociais, que pode gerar sujeitos mais reflexivos e críticos e transformar da própria realidade. Trata-se de uma cibercultura que avança e transforma os comportamentos, valores e a própria dinâmica entre a natureza e a sociedade. Lemos entende que “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura.”¹¹ A interação tecnológica tem progredido tornando-se cada vez mais ágil e confortável, vivificando a comunicação planetária notável pela interação de informações pelo ciberespaço, (re)transformando as afirmações de comunicação entre o espaço e o tempo. Lévy denomina o processo de “meta mundo virtual”, vinculando a diversão, comunicação e o ser humano nas redes, funcionando enquanto espaço de mensagens dinâmicas e acessíveis, de uma retroalimentação coletiva e em tempo real¹².

Assim, a rede dará acesso a um gigantesco metamundo virtual heterogêneo que acolherá o fervilhamento dos mundos virtuais particulares com seus links dinâmicos. Esse metamundo virtual ou ciberespaço irá torna-se o principal laço de comunicação, de transações econômicas, de aprendizagem e de diversões humanas¹³.

O autor entende o ciberespaço como o alicerce para a elaboração da nova cultura com o conjunto de técnicas que se cria coletivamente com o desenvolvimento do ciberespaço, fazendo com que a cibercultura receba distintos sentidos. Lemos diz que “a cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo,

¹⁰ CASTELLS, 1999, p. 414.

¹¹ LEMOS, André. *Cibercultura*. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 15.

¹² LÉVY, 1999.

¹³ LÉVY, 1999, p. 146.

proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais.”¹⁴

A cibercultura faz parte do cotidiano das pessoas e produz resultados na perspectiva das conversações, para realizar operações bancárias, fazer compras, assistir vídeos e filmes, adquirir conhecimentos nos espaços formais e não formais de ensino, estreitando relacionamentos. Para melhor compreender as diversas dimensões da cibercultura, Lemos caracteriza três leis para investigar o contexto da cibercultura e a sociedade contemporânea¹⁵. Na primeira lei da reconfiguração, é preciso evitar a ideia de substituir ou aniquilar as tecnologias antecedentes, de modo que o novo não substitui o velho, mas reconfigura-se às necessidades para manter-se vigente. Na segunda lei da liberação do polo da emissão, evidencia-se certa democratização das manifestações gera excessos de informações e a emergência múltiplas vozes e discursos que até então eram abafados pelas edições das informações, por meio de chats, weblogs, sites, compreendidas enquanto espaço de luta e reconhecimento social. Na terceira lei da conectividade, as diferentes redes sociotécnicas demonstram possibilidades de ações solitárias em meio à conectividade generalizada entre os próprios sujeitos, mas também entre máquinas e máquinas que fabricam as informações por meio de códigos automatizados, modificando, portanto, o conceito de relacionamento e comunicação. A partir da nova perspectiva de diálogo espaço-temporal via ciberespaço, a economia, a cultura, o conhecimento e a política passam por processos de negociação, já que no ciberespaço temos a capacidade de transformar e manipular informações de interesses subjacentes e dinâmicas complexas¹⁶.

Para Lévy, o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge com a interconexão mundial dos computadores e que está conectada à internet enquanto estrutura que dá sustento ao ciberespaço¹⁷. Lemos percebe que o ciberespaço é uma parte essencial da cibercultura planetária e que cresce de forma acelerada¹⁸. A cibercultura oferece múltiplos espaços de encontro com o outro em novas configurações aperfeiçoando as possibilidades de comunicação por meio de imagens, sons, vídeos, montagens, enfim, transformando as formas de comunicar e agir. Conforme Lemos, “o ciberespaço cria um

¹⁴ LEMOS, 2008, p. 87.

¹⁵ LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a época. In: _____; CUNHA, P. (Orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

¹⁶ LEMOS, 2003.

¹⁷ LÉVY, 1999.

¹⁸ LEMOS, 2008.

mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informações, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema.”¹⁹

Lemos afirma que a cibercultura se estabelece como uma cibernsocialidade, uma forma de estética social que pode também ser denominada de tecnologias do ciberespaço, entre elas as redes de informática e a realidade virtual, que fornecem possibilidades de aprender novos conhecimentos em rede²⁰. Lévy define essa perspectiva de uma “inteligência distribuída por toda parte incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.”²¹ Mas, o ciberespaço por si só não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva. Então, “o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva”²², em que as trocas de informações e ideias são constantes pelos rápidos movimentos que provocam. Castells define as tecnologias pelo fluxo e pela troca de informação, capital e comunicação cultural enquanto “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação e telecomunicações.”²³

Daí que as tecnologias digitais não têm um fim em si e vão depender da ação humana. Castells diz que, “assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana.”²⁴ O modo de recriação de saberes é que vai caracterizar a revolução e a transformação tecnológica, do contrário, recairemos apenas numa falsa inovação maquiada por modismos de mercado.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a de conhecimentos e informações, mas a aplicação desses conhecimentos e informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/ comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso²⁵.

Desde a origem da internet, expande-se em escala mundial acelerada o número de usuários de todas as idades, gêneros e classes sociais. Além disso, as empresas vêm apostando nas tecnologias digitais e nas redes sociais, já que se tornou bastante comum às empresas anunciarem suas ofertas e notícias através desses meios, além de ser critério de

¹⁹ LEMOS, 2008, p. 87.

²⁰ LEMOS, 2008.

²¹ LÉVY, 1999, p. 28.

²² LÉVY, 1999, p. 29.

²³ CASTELLS, 2003, p. 67.

²⁴ CASTELLS, 2003, p. 69.

²⁵ CASTELLS, 2003, p. 69.

seleção dos novos colaboradores. Na década de 90, a internet passou de uma possibilidade de consumo de massa para um canal de texto para difundir serviços digitalizados impressos, de voz e de vídeo até se chegar às atuais configurações. As redes sociais foram nascendo e tornando-se elemento constituinte na vida das pessoas, como é o caso do Facebook com seus bilhões de usuários.

Esse novo sistema atrativo, divertido e dispersivo de redes marcadas por interações é a convergência atual nas interações humanas. O Facebook, por exemplo, é uma rede social criada por Mark Zuckerberg em 2004, que tinha como meta inicial a elaboração de uma rede de compartilhamentos e relacionamentos para estudantes de Harvard, mas que logo se expandiu para outros colégios de Boston. Com o passar do tempo, o Facebook passou a ser usado mundialmente, abrindo possibilidades de interação enriquecidas globalmente.

Uma rede social, mesmo na Internet, modifica-se em relação ao tempo [...] rede é como um elemento em constante mutação no tempo. Como Watts (2003) afirmou, não há redes ‘paradas’ no tempo e no espaço. Redes são dinâmicas e estão sempre em transformações. Essas transformações, em uma rede social, são largamente influenciadas pelas interações²⁶.

O Facebook trouxe novas possibilidades de escolha, conforme os interesses do usuário, para curtir, seguir, comentar, reagir, dar links, compartilhar notícias, ver fotos, expressar opiniões e gostos pessoais. Partindo do entendimento de rede, segundo Castells, que é um conjunto de nós interconectados do que são tecidos com pessoas, instituições ou grupos, as redes sociais podem ser potencializadoras do pensar coletivo no ciberespaço. Para o autor, “a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet.”²⁷ Recuero acrescenta,

Através do advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social²⁸.

As afirmações dos autores revelam que as tecnologias dependem da capacidade humana de pensar e agir para colocar em movimento as informações, através da constante

²⁶ RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 79.

²⁷ CASTELLS, 2003, p. 7.

²⁸ RECUERO, 2009, p. 136.

interação e movimento, criando novas formas de sociabilidade e de novas organizações sociais.

Problemáticas e desafios comunicacionais digitais

As tecnologias sendo artefatos históricos, ideológicos, sociais e contingentes podem servir para mecanismos de conservação inclusive de relações sociais planejadas através de instâncias normativas e políticas de controle e homogeneização. No entanto, de que forma elaborar uma rede de conversação entre o ser humano e a máquina, sem o império do interesse mercadológico e do consumismo imediato de caráter manipulador e autoritário?

O debate acerca das tecnologias digitais e da capacidade de (re)aprender com elas estão lançando desafios à construção de questionamentos e reflexões mais elaboradas, de dimensões socioculturais. Tal contexto viabiliza condições de deslocamentos de sentido histórico, político, técnico, econômico e social à integração tecnológica que seja capaz de favorecer novas aprendizagens coletivas nos espaços da cibercultura. Nesse cenário, todo o ser humano é capaz de aprender e de se inserir nos agrupamentos flexíveis do convívio social e tecnológico, visto que “a cibercultura se constitui como uma cibernsocialidade [...] uma estética social alimentada pelo que poderíamos chamar de tecnologias do ciberespaço.”²⁹

Tudo indica que a democratização através das tecnologias ainda não está contribuindo para a formação cultural, mas está caminhando para a semiformação, no sentido meramente adaptativo e instrumental, de fortes tendências autoritárias e de populismos conservadores. Na verdade, essa manipulação duplica, manipula e conforma as consciências por meio de um mundo que perpetua a ordem estabelecida pela supremacia autoritária. A emancipação humana acontece por meio da contradição e da resistência frente às enganações do poder da comunicação no mundo. Nas palavras de Adorno, “o essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir”³⁰, que não se esgota na relação formal do conhecimento, mas implica uma transformação dos sujeitos no decurso das trocas e relações vividas e dos contatos com a realidade concreta. A magnitude desses traços revela que estamos vivendo em um período de paradoxos e contradições tecnológicas, marcado por distintas configurações, tensões e processos (semi)formativos. Então, por um

²⁹ LEMOS, 2008, p. 95.

³⁰ ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz & Terra, 1995, p. 12.

lado, as tecnologias saíram do monopólio de autoridades tecnológicas, passando a integrar o mundo social contemporâneo, mas, por outro lado, experimentamos as incertezas e ambivalências em seu uso, que ora serve como disfarce para manutenção da desigualdade social e econômica (exclusão tecnológica), ora causa o ofuscamento dos modos conflituosos de se relacionar com o outro no mundo digital, como se os diferentes discursos fossem neutros.

As pequenas revoluções e os movimentos das pessoas que não eram vistas nos espaços sociais físicos ganham importância em termos de problematização vital e questionamento educativo, experimentando um potencial de engajamento político aberto e interconectado de relações através das tecnologias. É preciso que as políticas públicas gerem esse acesso democratizado publicamente, através da implantação de telecentros e infocentros, por exemplo. A utilização instrumental gera o analfabetismo digital e a desinformação das leituras superficiais do mundo que são feitas, sem passar pelo crivo da pesquisa, da autocrítica, do diálogo com as diferenças, as resistências e os múltiplos ângulos das problemáticas vitais. A linguagem pseudotécnica da repetição de supostas verdades gera uma formação irrefletida, massificada e desarticulada dos contextos democratizantes.

É necessária uma reflexão constante acerca dos conhecimentos tecnológicos à vida coletiva, reconhecendo neles uma tendência que pode emancipar reflexões sobre os sentidos ontológicos e sociais compartilhados via tecnologias. Então, o acesso digital oferece um potencial para desmistificar as tecnologias desagregadoras enquanto sistema operacional ou instrumento não social, para tornar-se um dispositivo contra os preconceitos e para resistir às exclusões desumanas. As tecnologias viabilizam oportunidades de reconhecimento mútuo, ampliando o potencial de luta política para a transformação crítico-emancipatória das práticas culturais e sociais excludentes. Nesse processo, é preciso transcender as informações para um processo formativo, humanizado e de partilha de conhecimentos, experiências e investigações.

Percebe-se, assim, a importância desses artefatos tecnológicos para promover esclarecimentos entre os sujeitos no espaço de abertura dialógica ao mundo virtual, superando fundamentalismos que excluem quem pensa diferente. Tudo isso é essencial para o desenvolvimento integral do ser humano e valorização da cultura do outro, já que vivemos em uma sociedade formada por diferentes sujeitos, com variadas concepções, experiências e filosofias de vida, enfim, em uma pluralidade que deve ser respeitada. Nesse contexto,

urge a construção de espaços de interação, problematização e reconhecimento mútuo por meio das tecnologias e a comunidade, permitindo a todos apropriar-se dos seus processos de formação recíproca através de trocas intersubjetivas, para (re)pensar e (re)aprender com as múltiplas perspectivas, fontes, relações e interesses, visando ressignificar a prática de investigação virtual coletiva. Logo, é necessário fazer a leitura crítica do mundo digital como condição emancipatória para reelaboração conjunta de saberes já ultrapassado, para contribuir à aprendizagem social e não recair no mero consumo de informações por meio da instrumentalidade em numa sociedade desigual e injusta. Será através das problematizações das linguagens tecnológicas poderemos quebrar as fronteiras dos saberes implica mover-se em meio às diferentes fontes tecnológicas, buscando a melhoria da vida humana.

Se vivemos a era da cultura digital e o conhecimento, muitas vezes, é intermediado pelas novas tecnologias digitais, então, essa nova realidade exige uma revisão das estruturas de ensino convencionais para viabilizar o acesso virtual diante da digitalização da vida repensada socialmente. Poderemos compreender melhor o mundo digital quando fizermos parte do que é compreendido nos próprios limites, alcances e impactos de sua linguagem inclusiva contemporânea, tendo em vista a necessidade de propor um modelo de comunicação sensível à prevenção de exclusões sociais ou incorporação ingênua das tecnologias na vida em sociedade. Há inúmeros desafios e riscos de exclusão digital, dependências tecnológicas, assimetrias e cisões sociais. Por tais motivos, a tecnologia recebe forte impacto das representações e do imaginário social, cujos limites estão na finitude humana.

Trata-se de reconstruir conhecimentos tecnológicos de forma diversificada, ampliando as possibilidades de ensinar, aprender, viver e compreender o mundo. Precisamos pensar as TDIC como um espaço complexo e um sistema vivo, dinâmico e privilegiado para a participação, as interações, os projetos, as trocas, as redes de relações, a convivência formativa, criativa, afetiva, expressiva e de respeito mútuo entre as diferenças. O respeito ao outro implica trazê-lo para o debate do pluralismo, mesmo que isso envolva riscos de dispersões em formas hipertextuais de aprendizagem.

Para Lemos, hipertexto de trata de uma “organização da informação possibilitada pelos avanços da informática, traduzindo-se em um conjunto de nós, ligado por conexões, permitindo a exploração através de um processo de ‘leitura-navegação’, não linear e

associativo, descentralizado e rizomático.”³¹ A educação precisa pensar na perspectiva de uma humanidade cada vez mais comunicante e criativa, permitindo reconhecer as tecnologias digitais para a inclusão e a construção do conhecimento coletivo, que movimentam lugares antes hierarquizados, para aprender no compartilhamento de conhecimentos, de percepções, de diferenças e de mundos.

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos³².

Existe aqui a necessidade de aprender com o outro como forma de emancipar-se, de criar novos sentidos e modos de falar e viver, aproximando significados e estabelecendo relações às produções humanas. Nessa junção de ações intersubjetivas é acentuada a dinâmica das tecnologias na experiência sensível e criadora, que provoca deslocamentos na esfera cognitiva, prática e estética, já que o ser humano tem como expressão de seus conhecimentos a construção de objetos tecnológicos. No entanto, as adaptações históricas e as formações educativas trazem em si dificuldades na elaboração de um conceito que problematize a tecnologia para o aprender social, recaindo em determinados exageros manifestados nas finalidades salvadoras de uma pedagogia de resultados, objetividades e eficiências.

Na teoria do agir comunicativo de Habermas, o saber é o resultado da discussão social que pode atingir um consenso através dos argumentos extraído das condições de um debate sem coerção, que seja capaz de “conjuga[r] a perspectiva de cada um com a perspectiva de todos”, que pode ser formado em “um discurso ampliado universalmente, no qual todos os possivelmente envolvidos possam participar e tomar posição com argumentos numa postura hipotética em vista das pretensões à validade.”³³ Nessa perspectiva, as TDIC têm a responsabilidade de aumentar a capacidade argumentativa de aprender, formar e formar-se, de modo reflexivo e transformador, seja no que se refere ao mundo atual ou

³¹ LEMOS, 2008, p. 132.

³² LÉVY, 1999, p. 30.

³³ HABERMAS, Jürgen. *Para o Uso Pragmático e Ético da Razão Prática*. Texto apresentado na Conferência da USP. São Paulo: USP, 1989, p. 299.

virtual, pois, “a partir do seu mundo da vida comum, os falantes e ouvintes se entendem sobre algo no mundo objetivo, social ou subjetivo.”³⁴

Nos artefatos tecnológicos, para que exista diálogo entre os interlocutores que buscam alcançar o consenso de algo no mundo, é necessário que os mesmos se comuniquem numa dimensão de alteridade, de abertura ao outro, para a revisão constante das posições e dos conhecimentos, implicando em um compromisso constante de investigação das práticas sociais. Tudo indica que a aprendizagem social passa pela autocrítica às tecnologias, enquanto um *modus operandi* da técnica, e como possibilidade de reconstrução conversacional, visto que surge como chance de pesquisa e elaboração recriadora de aprendizagens. O agir comunicativo oferece à educação pressupostos para a reconstrução de relações interpessoais, uma vez que não é possível conceber um desenvolvimento cognitivo distanciado das inter-relações entre os sujeitos.

Talvez seja agora o momento de repensar e reaprender as tecnologias como espaço de abertura ao outro e possibilidade de (re)criação e pesquisa cooperativa na interdependência humano-computador. Mesmo que a disseminação da internet seja importante para o estabelecimento de igualdades sociais em termos de saberes, isso não é suficiente para abordar questões mais amplas do acesso ao conhecimento que impera na contemporaneidade, para além da expansão do capitalismo e do consumo tecnológico. Conforme Lévy, “a circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação”³⁵, pois na articulação da comunicação será a interação que colocará em questão as intencionalidades, os interesses, transformando os sentidos e contextos. Daí esse conhecimento na forma de uma aprendizagem social pode indicar caminhos para um processo de ressignificação das tecnologias e das condições de acesso como possibilidade de uma experiência de aprofundamento dos círculos de aprendizagem nesse cenário virtual, integrando a leitura crítica ao poder da comunicação.

Democratizar as tecnologias como um direito de acesso à realidade virtual, não só permite a problematização e atualização dos conhecimentos, mas incita a descentralização de aprendizagens coletivas, descobertas e revoluções culturais, desnaturalizando a transmissão e valorizando a inteligência pelo ato de leitura, compreensão e reflexão crítica

³⁴ HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo I: racionalidade da ação e racionalização social*. Trad. de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 231.

³⁵ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 21.

da realidade. O processo de transformação tecnológica passa pelo aprender a pensar a realidade concreta e exige de todos uma relação dialógica horizontal e descentrada, que prima pelos saberes colaborativos da vida social.

Considerações Finais

As reflexões sobre a emancipação mediatizada por meio das tecnologias digitais virtuais permitem recriar os saberes dialógicos, mas também colocam em evidência a necessidade de repensá-las para não recair em armadilhas que disfarçam acomodações e exclusões sociais, no sentido de uma apropriação das diferenças como parte constitutiva das TDIC ao desenvolvimento coletivo. Para Castells, “nem utopia nem distopia, a internet é a expressão de nós mesmos, através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade.”³⁶ A democratização pelas tecnologias precisa revisar os sistemas culturais autoritários e conservadores, visibilizando acessos equitativos aos sujeitos, no sentido de aprender e despertar o pensar por meio das TDIC, para reduzir as brechas entre o avanço das tecnologias e o aumento das práticas sociais excludentes.

Se há algo que não deixa dúvida é que da inclusão tecnológica emergem distintos significados que se articulam, mas que acabam causando também frustrações decorrentes da dependência, das reificações e das desumanizações. As tecnologias podem representar o acolhimento dos mais esquecidos a partir de interconexões com o mundo, com o agir que flexibiliza posições e integra as diferenças impulsionadoras de transformações socioculturais, desde que não sejam tomadas de forma neutra e padronizadas, em processos regulados e unificados nos produtos. Contudo, os artefatos tecnológicos só têm valor social quando estão direcionadas para a libertação e evolução humana, quando são usados para ajudar os outros em suas aprendizagens sociais, através da transformação cultural da sociedade e da emancipação comunicativa e criativa no universo social. Em síntese, deixamos indícios para que novas análises sobre essa questão venham despertar mundos adormecidos e, quem sabe, venham denunciar os limites das tecnologias digitais enraizados na tradição e ligados a condições contingentes e aos interesses contraditórios de uma epistemologia social.

³⁶ CASTELLS, 2003, p. 11.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz & Terra, 1995.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *A Sociedade em Rede*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FRANÇA, V. Do Telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da Comunicação. In: PRADO, Aidar (Org.). *Crítica das Práticas Midiáticas*. São Paulo, Hacker Ed, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Para o Uso Pragmático e Ético da Razão Prática*. Texto apresentado na Conferência da USP. São Paulo: USP, 1989.

_____. *A lógica das ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Teoria do agir comunicativo I: racionalidade da ação e racionalização social*. Trad. de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LE MOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a época. In: _____; CUNHA, P. (Orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.